

FACULDADE DE TECNOLOGIA JK
UNIÃO NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS

PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O NÃO DITO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE
TRANSACIONAL**

ALYNE KELY MACEDO S. F. MOURA

Brasília
2012

ALYNE KELY MACEDO S. F. MOURA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O NÃO DITO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE TRANSAcional

Artigo de conclusão do curso apresentado à Faculdade de Tecnologia Paulo Freire e à União Nacional dos Analistas Transacionais, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional e Competência nas Relações, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional

Orientador: Profa. Ms Miriam Cibreiros

Brasília
2012


FACULDADE JK DE TECNOLOGIA
UNIÃO de ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
ANÁLISE TRANSACIONAL

ATA DA BANCA EXAMINADORA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
CURSO – TCC

Aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e doze, estão reunidos na sala 1006, do Bloco D, Torre A do Shopping Liberty Mall, situado no SCN Quadra 02, na cidade de Brasília-DF, a coordenadora do Curso e orientadora do(a) aluno(a) examinado(a), Professora Mestre Miriam Cibreiros, a Professora de Metodologia Científica Professora Mestranda Telma Regina Lago Costa e a Professora Mestre Maria Adriana Melo Monteiro para juntas, deliberarem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) aluno (a): **Aline Kely Macedo S. F. Moura**
Título: **Violência doméstica e o não-dito na perspectiva da Análise Transacional**

Na defesa do tema:

Para defesa, a aluna contará com um tempo mínimo de 20 (vinte) minutos e máximo de 30 (trinta) minutos de apresentação.
Em seguida, os integrantes da banca reunir-se-ão em separado dos alunos para deliberarem sobre a menção.

Aluno(a)	Nota	Situação Final	Ciente do(a) aluno(a)
Aline Kely Macedo S.F. Moura	8,4	Aprovada	


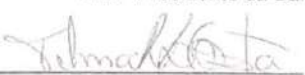
OBS: Nota: $\geq 7,0$ = Aprovado

$< 7,0$ = Reprovado

E, para surtir os efeitos legais e educacionais, eu, Professor, Presidente da banca, lavrarei a presente ata que será abaixo por mim assinada e pelos demais integrantes da Banca Examinadora.

Brasília, 30 de novembro de 2012.


Profª Maria Adriana Melo Monteiro


Prof. Presidente da Banca

Profª Telma Regina Lago Costa

Alyne Kely Macedo S. F. Moura

alinekly@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo aborda a violência doméstica e o não dito através da experiência do atendimento no serviço público de saúde do DF. É uma proposta de reflexão, a partir dos pressupostos da Análise Transacional, de forma especial e profunda, sobre aspectos que envolve o conceito de Ulterioridade. Mostra como esta abordagem pode ser útil na compreensão da comunicação existente na família de vítimas da violência doméstica.

Palavras chave: Violência Doméstica, Análise Transacional, Psicoterapia, Comunicação Ulterior, Quadro de Referência.

Introdução

Desde 2006, quando iniciei minha carreira como psicóloga, atendo crianças, mulheres, adolescentes que sofreram algum tipo de violência doméstica (física, sexual, psicológica ou negligência) e, em determinadas oportunidades, os autores de violência, quando estes são membros do contexto familiar. Esta experiência se deu em serviços públicos de saúde do Distrito Federal, envolvendo um contexto de interface no atendimento clínico e psicossocial. Após quatro anos de atendimento a esta demanda, conheci o referencial da Análise Transacional e a compreensão do fenômeno da comunicação violenta foi ficando cada vez mais clara.

Reflexões acerca da violência nas relações e na comunicação incentivaram a utilização do aporte teórico da Análise Transacional – AT, já que aprofunda em aspectos que revelam o sentido de a maioria dos pacientes apresentar permanência nas relações, onde a violência era exercida implicitamente, mesmo após as denúncias feitas aos órgãos competentes, como visto em minha prática clínica.

No decorrer do tempo minha escuta foi ficando mais apurada e o meu olhar recaiu exatamente na possibilidade de que haveria uma Comunicação Ulterior permeando as situações que abrangiam a violência. Para Eric Berne (1961), criador da Análise Transacional, é uma comunicação baseada em um tipo de Transação Ulterior, onde a comunicação entre as pessoas acontecem em dois níveis, uma mensagem falada (nível social) e outra oculta (nível psicológico), e é justamente esta última que mantém, motiva e alimenta a comunicação Ulterior. Essas Transações são, em geral, negativas e base para Jogos Psicológicos, podendo estar ligadas intimamente aos padrões disfuncionais que compõem a comunicação nas situações de violência. Vale a pena enfatizar que Schiff (sem data) também observou que as pessoas se utilizavam de um padrão de comunicação, possivelmente aprendido na infância com os próprios pais, que as conduziriam a manter, durante sua vida, formas repetitivas de lidar com os diferentes estímulos, nomeando-o de Quadro de Referência.

Segundo Robert Goulding e Mary Goulding (2005), são estas decisões infantis que influenciarão o *Script* e que governarão as vidas das pessoas posteriormente.

Alem disto, a comunicação perpassa, também, pela necessidade do doar e receber reconhecimento, afeto e etc. ou o chamado Carícias, em que Berne (1995) faz referência, quando diz que esta, por ser a unidade básica de relacionamento social, faz com que todas as pessoas humanas, inclusive as imbuídas de comunicações violentas, busquem

diferentes alternativas para receber reconhecimento humano. Sendo assim, o risco da privação de Carícia nos leva a satisfazê-lo com Carícias não autênticas, negativas ou tóxicas, confirmando a máxima de Berne que explica porque qualquer relacionamento social é melhor que não tê-lo e justificando a utilização de meios desonestos e inadequados de conseguir Carícias, como apontaremos mais adiante, com o uso dos Jogos Psicológicos nas relações.

Assim, proponho apresentar uma reflexão da Ulterioridade nas comunicações no contexto das situações de violência à luz da Análise Transacional, utilizando dos seus conceitos teóricos, em busca de promover uma intervenção preventiva com o aprendizado de uma comunicação mais direta, na qual se favoreça a expressão dos desejos e das emoções, satisfazendo a necessidade de reconhecimento, com um padrão de troca de Carícias mais saudáveis e positivas.

Violência O Não Dito Nas Estruturas Familiares

Considerando que a violência é um problema de saúde pública porque é uma violação dos direitos humanos, de acordo com Agudelo (1990), “ela representa um risco maior para a realização do processo vital humano: ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade e provoca a morte como realidade ou como possibilidade próxima” (p.17).

O termo violência doméstica compreende um tipo de violência que não se limita apenas aos parentes, mas se amplia àqueles que têm algum tipo de vínculo com o sujeito. Isto torna ainda mais relevante tal discussão, porque é inicialmente dentro da família que existem as primeiras expectativas de trocas afetivas positivas, de cuidados básicos, de atenção e proteção que visam reforçar a identidade e o afeto positivo, que encontramos situações envolvendo violência.

Para melhor explorar esse percurso, importa desde logo começar por fazer um exercício de desconstrução da compreensão do circuito de violência intra e extrafamiliar que se inicia e termina de forma explícita, como nas várias formas de agressão, seja ela física ou psicológica. Utilizo aqui, dos conceitos da AT e questiono a comunicação velada, ou seja, as mensagens Ulteriores, aquilo que não é dito e que pode estimular ou mesmo permear as situações de violência, estruturando padrões familiares de comunicação que não reforçam a identidade e o afeto positivo do sujeito.

A este respeito, verificamos que, diferente do que se pensa, o ato violento é mais comum e abrange mais famílias do que os números dimensionam, porque não tem idade, lugar, classe social e escolaridade, já que permeia as relações e a comunicação humana.

Cabe destacar que, dependendo do olhar sobre o fenômeno da violência, teremos sempre dificuldade para quantificá-la, pois existe uma violência que não é explicitada, que fica no não dito, mas que parece permear as relações. Então minha atenção e reflexão caíram neste não dito, no seio familiar e, quiçá, além do campo privado.

Aspectos da comunicação à luz da Análise Transacional

Segundo estudiosos como Hebb (1998), a comunicação em grande parte se dá de forma reflexiva e proposital. Reflexiva porque se utiliza de padrões estereotipados para transmitir informações, mas não é a sua finalidade, como é o caso do choro que pode levar a comunicar uma informação, mesmo não sendo o seu objetivo. Na comunicação proposital a mensagem emitida tem por finalidade causar um efeito sobre o receptor e a continuidade da comunicação irá depender da resposta do receptor.

Na Análise Transacional, Berne (1998) reforça esta premissa com ideia de que a manifestação da relação social é chamada de Transação, definido-a como "unidade da ação social" (p. 357). Assim, quando Hebb (1998) diz que podemos usar de uma comunicação reflexiva, na expressão do nosso corpo, como também utilizar da comunicação proposital, para influenciar o teor da comunicação, da sua continuidade e que mesmo a mudança do tom de voz pode levar a passar mais de uma mensagem ao receptor. Berne (1961) descreve este tipo de comunicação não explicitada, como Transação Ulterior, porque envolve dois níveis: uma mensagem social e uma mensagem psicológica, sendo que esta última é que dá a motivação e determina o resultado da comunicação.

Na escuta às pessoas que sofreram violência ou, oportunamente, aos autores da violência perceberemos que a comunicação cumpre uma função social. Assim, ouvir e falar são atos sociais imbuídos de cargas emocionais e percepções, de ambas as partes, que pode dirigir a interpretação dada à mensagem expressa, tanto na fala, no corpo e nas nuances do que foi dito e do que não foi dito.

Embora a informação expressa aponte o que queira ser dito, o não dito pode exercer função importante na comunicação e influir na forma de se relacionar do emissor quanto do receptor. Isso diz respeito também à comunicação de violência.

Na descrição da ocorrência da violência, quando estas são denunciadas nas delegacias de polícia, importa com esta reflexão, questionar que locução interna pode ter exercido uma função preponderante e anterior ao disparo da ação contra o outro. Seja

quando falamos de uma sanção física, dos pais ou responsáveis, contra um menor, seja de uma agressão verbal, a violência irá acontecer primeiro dentro da própria pessoa no diálogo interno e depois, fora da mesma. Assim, é possível que seja este conteúdo psicológico, não dito e nem escrito, que nas ocorrências policiais, motive as infrações.

Para compreensão desse fenômeno Berne (1961) nos aponta à análise dos Estados de Ego e dos Diálogos Internos que levam a conflitos internos e dificuldades na comunicação interpessoal. O trabalho com a Análise Transacional, especialmente com as pessoas com demandas envolvendo situações de violência, é exatamente facilitar a descontaminação dos Estados de Ego, com estabilização das fronteiras para que o "Adulto possa manter o controle da personalidade em situações de tensão" (p. 86). Ao trabalhar a descontaminação dos Estados de Ego viabilizaremos a descontaminação de crenças e fantasias que mantêm a comunicação velada, ou seja, o não dito.

Estes Jogos encontrados na comunicação disfuncional são para Schiff (1986), uma maneira de restabelecer as relações simbióticas. Sabemos que a Simbiose é uma ligação entre pais e filhos que exerce uma função de sobrevivência física e emocional e, se essas relações simbióticas não forem resolvidas de forma satisfatória, os Jogos servirão para restabelecê-las. O que percebemos no circuito da violência é que de certa forma a dependência não resolvida resulta em algum tipo de simbiose patológica.

Por exemplo, uma mulher órfã que sofreu estupros de um conhecido e de um amigo, que fica grávida no estupro e tem o filho. No decorrer da sua história volta a se relacionar com o principal agressor, motivada pela necessidade de proteção e cuidados. Casa-se e constitui família com ele. Depois de anos, ao revelar sua insatisfação, ressalta a angústia por manter o segredo da violência para se manter casada com o agressor e sua inabilidade afetiva no trato com a filha gerada no ato de estupro, que quer saber quem é seu pai. Entretanto, para esta mulher, o se perceber desqualificada pelo marido, diverge da crença de que ele é protetivo, porque foi o único a querer "cuidar dela", mesmo a tendo estuprado junto com o outro amigo. Provavelmente, estamos diante de um caso que ilustra o circuito que percorre as pessoas que se envolvem em situações de violência, onde sem referências de simbioses satisfatórias, o segredo familiar, que vem do que não é dito, as mantém em relações com algum tipo de simbiose patológica.

Nessas situações de violação de direitos, percebe-se que é preciso desqualificar o estímulo da situação violenta e a Transação Ulterior exerce sua função, por ter mensagens psicológicas que favorecem a distorção da realidade.

A partir das reflexões de Mellor & Schiff (2005) sobre a Desqualificação,

analisamos como os referenciais internos das duas pessoas tendem a não permitir a troca da expressão do não dito, por maneiras mais autênticas de Reconhecimento. Permanecendo assim, por mais tempo, na recorrência dos fatos violentos, redefinindo as situações violentas de uma maneira em que as trocas de Carícias negativas se mantenham, de maneira que possam obter uma realidade conhecida, neste caso, os atos violentos. Com isso, é com a Redefinição dos estímulos que as pessoas poderão “manter o Quadro de Referência e assim desenvolver Jogos e levar adiante o *Script*, no empenho de reforçar ou confirmar relações simbióticas com outras pessoas”. (p. 130)

Violência na perspectiva da ulterioridade

Com a contribuição da Análise Transacional é possível compreender como a troca de estímulos dentro das relações é significativa, mesmo que sejam trocas embebidas de violência, de necessidades não satisfeitas ou nem mesmo identificadas. Conforme aponta Berne (1995) “no que diz respeito à teoria dos Jogos, o princípio que aqui emerge é que qualquer relacionamento social representa uma vantagem sobre ausência de relacionamento”. (p. 19)

É possível que a Fome de Reconhecimento, uma das Fomes de Estímulos conceituadas por Berne (1961), leve as pessoas a terem uma “intolerância a longos períodos de aborrecimento ou isolamento” (p. 79-80). Na minha experiência, pude observar que quando a troca de estímulos é prejudicada ou inadequada, pode surgir desde um leve comportamento agressivo como uma “grosseria” até atos de violência, devido ao Quadro de Referências das pessoas envolvidas, que expressam-se através da comunicação violenta.

Segundo Schiff (sem data), o Quadro de Referência também é formado por estas mensagens ou respostas significativas incorporadas ao repertório da pessoa, seja por reforço da cultura ou das relações sociais e que continua sendo estimulado por acontecimentos externos, como é o caso das mensagens psicológicas que fazem parte do circuito violento. De alguma maneira, as mensagens Ulteriores acabam estimulando uma parte da rede que tem este referencial interno, onde inconscientemente a agressão ou as Carícias negativas fazem sentido.

Debruçar-se sobre este tema a partir da Análise Transacional é refletir como a Transação Ulterior, sendo a base para os Jogos Psicológicos, está tão presente na comunicação violenta como “combustível” ou mesmo uma Isca para o Jogo, por meio do

"não dito".

Na maioria dos casos atendidos, percebemos que existem níveis de ulterioridade, porque a mensagem psicológica se mantém não dita e a social é explicitada e o que não pode ser dito manifesta-se na ulterioridade. Assim, as duas partes têm responsabilidade neste tipo de relação, porque num Jogo os dois jogadores são responsáveis: um de jogar a isca e o outro de pegá-la, aceitando o convite para o Jogo; sendo assim, ambas as partes são ativas no processo.

Este Quadro de Referência pode delinear o quão vulnerável no decorrer da história as pessoas ficam e como frequentemente se envolvem em comunicações ulteriores, quando o que emerge da comunicação é a violência. Quando entrevistamos vítimas recorrentes de violências físicas e sexuais, percebemos a carência de condutas preventivas que acaba por resultar vulnerabilidades para novas situações de violência. Como possivelmente, esta mesma carência, ocorre com os pais que aplicam punições físicas aos filhos visando corrigi-los, não achando eficaz outro método e expressando uma alienação da falta de referenciais do que é proteger.

Posso supor que algumas vítimas, como não foram protegidas na infância, podem não ter aprendido a se proteger. Com um Quadro de Referência interno desprotetivo, acabam por buscar parceiros que não as protegem ou ficam vulneráveis a pessoas com algum grau de comunicação imbuída de ulterioridade e de trocas de Carícias tóxicas.

Na literatura, sobre o assunto, a compreensão dos aspectos transgeracionais é um dos elementos mais essenciais para o entendimento do ciclo da violência, devido à frequência da repetição dos casos envolvendo violência na mesma família, tanto ao que se refere à forma de se comunicar, de resolver conflitos ou de se proteger (COSTA e PENSO, 2008). Além do aspecto da repetição, as autoras enfatizam a existência da transmissão da violência de geração em geração, inclusive a fragilidade em se proteger nas situações de risco, possivelmente por não terem recebido uma proteção eficaz.

É notório perceber, nos atendimentos às vítimas de violências e na escuta às famílias que tiveram pessoas que sofreram algum tipo de situação de violência, que o segredo, o medo da revelação e até as emoções não são comunicadas. Este modelo de comunicação passa de geração em geração através do *Script* familiar.

Schiff (sem data) também supõe que o padrão de referência, por ser uma força integradora, sob influências parentais e culturais, possa influenciar os Estados de Ego estruturalmente. Ao que parece, tanto a vítima quanto o agressor possuem padrões que mantêm ou estabelecem uma comunicação violenta com níveis de ulterioridade, como

também, uma relação de poder que proporcione a exploração ou a submissão.

Steiner (1986) coloca o poder como uma necessidade implícita ao ser humano e que muitas vezes é utilizada pelo uso do controle, sugando "como um parasita a força dos outros, trazendo vantagens temporárias" (p. 20). De alguma forma, as situações de violência envolvem Jogos de Poder, onde alguém assume uma postura de poder, por exemplo, numa relação de casal ou de pais e filhos, em que a violência se torna um dos instrumentos no controle do outro. Ao mesmo tempo, é perceptível a falta do poder ou a submissão nas vítimas. Logo, quando há uma denúncia formal, a vítima precisa dar conta de lidar com conteúdos nunca falados ou claros, na maioria dos casos ainda nem conscientes, devido ao quadro interno de desproteção que as bloqueia. De forma semelhante, Clarkson (2007) também concorda com Berne (1998) quando diz que o impacto do não dito é mais forte do que a mensagem expressa. No caso da vítima, isto é manifesto na agressão e daí tamanha dificuldade que envolve a revelação e o encontro da mensagem inconsciente da comunicação violenta.

A notícia recém desvelada vem envolvida de fantasia, de acusações, de defesas e, por isto, muitas pessoas, no processo de revelação das violências sofridas, reconsideram suas declarações com retratações. E, pela dificuldade de lidar com os conteúdos revelados, mudam o que foi dito. Outro aspecto que envolve a retratação, à luz da Análise Transacional, é o receio de perder as Carícias, mesmo que sejam negativas ou dolorosas. Hipótese que pode ser explicada através dos dados de delegacias, em que mulheres agredidas por companheiros ou até mães de filhos agredidos pelos mesmos retiram as denúncias ou utilizam algum tipo de retração diante da possibilidade de se verem sós, sem algum tipo de Carícias. Embora todo organismo sadio seja reativo e o natural seja reagir às situações desprazerosas, acabamos por ver pessoas encontrando na omissão dos fatos uma forma de reação.

No entanto, o não romper com o equilíbrio social em algumas pessoas resulta em crises de "angústia interna ou perturbações no comportamento" (SCHIFF, 1986, p. 7), com a consequente superlotação dos serviços de atendimento psicossocial e psicológico. Observo que a angústia é a queixa inicial do público que procura a rede de apoio e grande parte só reconhece que houve a violação de direitos no decorrer do acompanhamento. Entretanto, ao sabermos que a ulterioridade é o combustível ideal para manutenção dessas comunicações que são impregnadas de Desqualificação e comportamentos passivos, precisamos estar atentos a essas solicitações de pacientes que querem eliminar a angústia e manter o não dito, favorecendo a perpetuação dos

ciclos de violência.

De acordo com Mellor e Schiff (2005) para que o tratamento seja eficaz é preciso estar atento as formas de Desqualificação que as pessoas utilizam para manter as situações patológicas, de dependência e violência. Muitas pessoas não percebem na história de vida ou nas formas de comunicação a presença de estímulos internos ou externos e que alguns aspectos estão sendo desqualificados. Por exemplo, nas situações de violência contra si ou contra terceiros, como é o caso de pais que têm filhos vulneráveis ou sob situações de violência, seja ela física, sexual, psicológica ou de negligência, percebo uma total ou parcial desqualificação destes sinais, do que eles significam ou da possibilidade de mudar a situação, confirmando os achados de Mellor & Schiff (2005).

Visto por este prisma, a Análise Transacional tem contribuído no atendimento psicossocial e psicoterápico das vítimas de violência doméstica, primeiramente ao ampliar a compreensão e envolver outros aspectos para análise, como a comunicação ulterior e a busca por reconhecimento através de Carícias negativas. A partir da utilização dos conceitos da AT no atendimento, foi possível atingir uma esfera preventiva em relação ao circuito da violência pois, à medida que os envolvidos tomam consciência e podem falar dos aspectos inconscientes, o ciclo pode ser interrompido, com benefício para a família atual e para as gerações futuras.

Considerações finais

Este artigo apresentou alguns aspectos que indicaram a estreita relação entre os níveis de ulterioridade nas situações e/ou comunicações violentas a partir do referencial teórico da Análise Transacional.

É preciso que, além de uma proposta de reflexão sobre os aspectos que influenciam a comunicação violenta, possamos pensar em propostas de prevenção. Porque não basta resumirmos os esforços à responsabilização do autor e nem a uma postura determinista em relação às pessoas e às famílias que se envolvem em situações de violência. Pelo contrário, é preciso oferecer espaços de acolhimento, institucionais ou não, que possibilitem às pessoas se sentirem qualificadas no que elas sentem e assim possam romper com as percepções antigas e assumir percepções atualizadas. Espaços em que seja estimulada uma comunicação livre de Jogos, onde o segredo pode ser falado, as emoções, prazerosas ou desprazerosas, sejam acolhidas, favorecendo a tão esperada tomada de consciência do que não é dito pelo sujeito, incentivando padrões

saudáveis de troca de reconhecimento.

ALMEIDA, S.F. (2007). *La violencia: un problema de salud pública que se agudiza en la región Andina*. (Bogotá: Colciencias). 100p.

ALMEIDA, S.F. (2007). *Análisis Transaccional em Psicologia: Uma Revisão crítica*.

ALMEIDA, S.F. (2008). *O que Você faz Depois de Deus?* São Paulo: Nobel.

ALMEIDA, S.F. (2007). *O desenvolvimento em Análise Transaccional*. *PSICUS*, Ano III, Vol. 1, n.º 1, pp. 1-10.

ALMEIDA, S.F. & GUARIMON, M. (2005). *Exemplos, Decisões e Poder-dei*. IAJ, 22, 199-205. Publicação em Fóruns de Psicologia UFRN/2005.

ALMEIDA, S.F. & GUARIMON, M. (2005). *Desqualificação*. IAJ, 22, 199-205. Publicação em Fóruns de Psicologia UFRN/2005.

ALMEIDA, S.F. (2007). *Org. e Coord. de* "Org. e Org." (2005). *A transaccionalização da psicologia: as diferenças culturais*. 1 ed. São Paulo: Petrópolis.

ALMEIDA, S.F. (2007). *Org. e Coord. de* "Org. e Org." (2005). *A transaccionalização da psicologia: as diferenças culturais*. 1 ed. São Paulo: Petrópolis.

ALMEIDA, S.F. (2007). *Org. e Coord. de* "Org. e Org." (2005). *A transaccionalização da psicologia: as diferenças culturais*. 1 ed. São Paulo: Petrópolis.

ALMEIDA, S.F. (2007). *Org. e Coord. de* "Org. e Org." (2005). *A transaccionalização da psicologia: as diferenças culturais*. 1 ed. São Paulo: Petrópolis.

Referências

AGUDELO, S.F. (1990). ***La Violência: um problema de salud pública que se agrava en la región.*** Boletín Epidemiológico e La OPS.

BERNE, Eric. (1961). ***Análise Transacional em Psicoterapia.*** São Paulo:Summus.

BERNE, Eric. (1998). ***O que Você Diz Depois de Dizer Olá?*** São Paulo: Nobel.

CLARKSON, Petruska. (2007). ***O Campo Interpessoal em Análise Transacional.*** REBAT, Ano XVII/XVIII, nº1, junho.

GOULDING, R. & GOULDING, M. (2005). ***Injunções, Decisões e Redecisão.*** TAJ, v.5, julho 1975. Publicado em: Prêmios de Eric Berne UNAT-BRASIL.

MELLOR, Ken & SCHIFF, Eric. (2005). ***Desqualificação.*** TAJ, v.5, julho 1975. Publicado em: Prêmios de Eric Berne, UNAT-BRASIL.

PENSO, Maria Aparecida (Org.) & COSTA, L. F. (Org.). (2008). ***A transmissão geracional em diferentes contextos.*** 1. ed. São Paulo: Summus.

SCHIFF, Jacqui. (1986) ***Leituras do Cathexis: Tratamento de Psicoses.*** (UNAT-BRASIL - circulação restrita).

SCHIFF, J.L. (sem data) ***Uma discussão sobre os Estados de Ego e as Redes de Estados de Ego.*** (UNAT-BRASIL. Circulação Restrita).

STEINER, Claude. (1984) ***O Outro Lado do Poder.*** São Paulo: Nobel.